

CAJUCULTURA

MARIA SIMONE DE CASTRO PEREIRA BRAINER

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural. ETENE/BNB
msimonecb@bnb.gov.br

MARIA DE FATIMA VIDAL

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural. ETENE/BNB
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: A área mundial colhida de castanha de caju é de cerca de 6 milhões de hectares, com maior concentração em Costa do Marfim (28%) e Índia (17%). O Brasil está na sexta posição, com 439,2 mil ha. Desse total, 99,5% encontra-se na região Nordeste. O País desceu de 5º para 9º maior produtor mundial com 141,4 mil toneladas e o Nordeste responde também por quase toda a produção nacional da castanha de caju (98,6%). As exportações mundiais de castanha de caju com casca foram da ordem de 1,8 milhão de ton e as de amêndoas representaram um terço dessa quantidade (584 mil toneladas). Por se tratar de um produto beneficiado, o preço da tonelada de ACC foi quase duas vezes maior do que o preço da castanha *in natura*. Os maiores exportadores de castanha de caju com casca são os Países africanos (Costa do Marfim, Tanzânia e Gana) e os maiores exportadores de amêndoa de castanha de caju (ACC) são o Vietnã e a Índia. O Brasil encontra-se na sétima posição, participando com apenas 2,0% das exportações mundiais de ACC. Os maiores importadores mundiais de amêndoa de castanha de caju (ACC) são os Estados Unidos, Alemanha e Países Baixos. O Brasil é o terceiro maior importador mundial de castanha de caju *in natura*, as importações chegaram a 22 mil

toneladas. A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus tem levado as indústrias a funcionarem com capacidades de processamento reduzidas ou paralisarem suas atividades com vistas à segurança dos trabalhadores. Isso tem gerado um aumento dos estoques da castanha *in natura*, contribuindo para a queda de seus preços. Consequentemente, haverá maior escassez da amêndoa de castanha de caju no mercado mundial e, por conseguinte, elevação de seu preço.

Palavras-chave: Cajucultura; produção e mercado; Nordeste.

1 INTRODUÇÃO

A cajucultura no Brasil está concentrada no Nordeste, e possui elevada importância socioeconômica para a Região, principalmente para o Semiárido, por gerar postos de trabalho e renda na época mais seca do ano. Importantes atores contribuem para o desenvolvimento da atividade, produtores, associações, comerciantes, fornecedores de insumos, além das indústrias beneficiadoras de castanha que são geradoras de empregos diretos e indiretos. No âmbito institucional das cadeias dos produtos da cajucul-

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passará, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

tura (castanha, sucos etc.), destacam-se diversas instituições da Administração Pública federais e estaduais, dentre elas, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) que, além de principal agente financeiro do Governo Federal na Região, está intimamente associado com os caminhos da cajucultura, através de pesquisas e difusão de conhecimentos.

Portanto, essa análise tem como objetivo continuar gerando informações sobre a atividade, com dados mais recentes sobre a produção e mercado de castanha de caju no mundo, no Brasil e no Nordeste. Compõe-se, além desta introdução, de um panorama da cajucultura mundial, nacional e regional, incluindo sua caracterização e perspectivas, também relacionadas à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus.

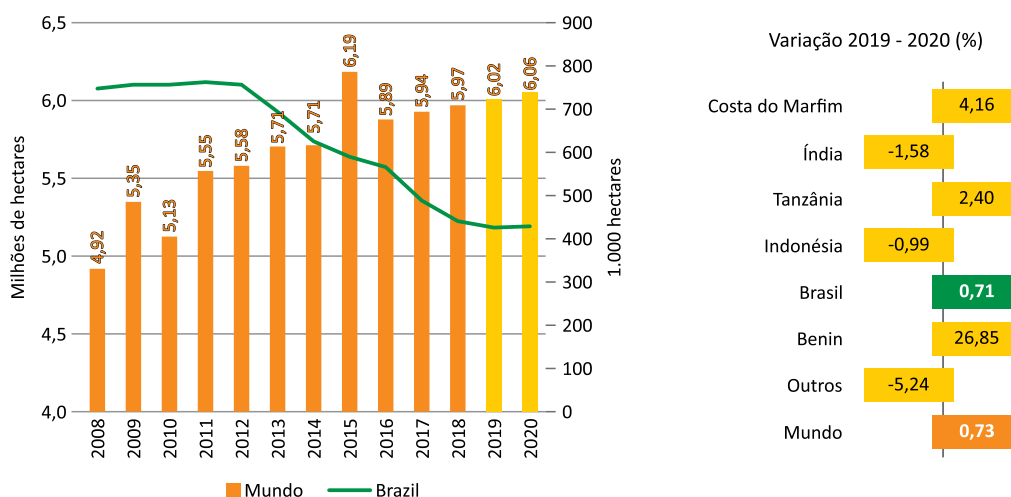
2 PANORAMA DA CAJUCULTURA NO MUNDO

A área mundial colhida de castanha de caju é de 5,97 milhões de hectares, com maior concentração em Cos-

ta do Marfim (28%) e Índia (17%). Nos últimos dez anos (2008-2018), a área vem crescendo à uma taxa de 2% ao ano. E os principais responsáveis são a Tanzânia que teve um acréscimo anual de 11,2%, Costa do Marfim (6,8%), Benin (3,3%) e Índia (1,5%) (FAOSTAT, 2020).

No Brasil, houve um longo período de estiagem (2012-2016) na Região Nordeste, onde se concentra a produção nacional, acarretando a morte de grande número de árvores e perda de 42,0% de sua área, levando-o à sexta posição, depois de vários anos possuindo a terceira maior área mundial (Gráfico 1). A produtividade da castanha de caju brasileira que já era bastante inferior ao de seus concorrentes internacionais, caiu ainda mais, tirando o País da posição de 5º maior produtor mundial, em 2011, para 13º, em 2016, com apenas 1,8% do volume mundial de castanha nesse ano. Entretanto, a partir de 2017, o maior volume de chuvas em relação aos anos anteriores resultou no crescimento da oferta de castanha de caju, mesmo com a área colhida em declínio, e o País passou à 9ª posição, com a participação de 2,4% da produção mundial (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Desempenho da área colhida com castanha de caju no Brasil e no mundo



Fonte: Adaptado pela autora de FAOSTAT (2020) e CONAB (2020a).
Nota: dados estimados para 2019 e 2020.

O Vietnã não está entre os Países que possuem as maiores áreas, mas devido à sua elevada produtividade torna-se o principal produtor¹ com uma considerável participação na produção mundial (Gráfico 2). O desenvolvimento da cajucultura no País deve-se, em grande parte, à Associação do Caju no Vietnã (VINACAS) e ao apoio governamental, que têm investido em coleta e reprodução de germoplasma, gerenciamento integrado da colheita, projetos de extensão, bem como maior proximidade entre os produtores rurais, cientistas, elaboradores de políticas e companhias; além de maior proximidade da Associação

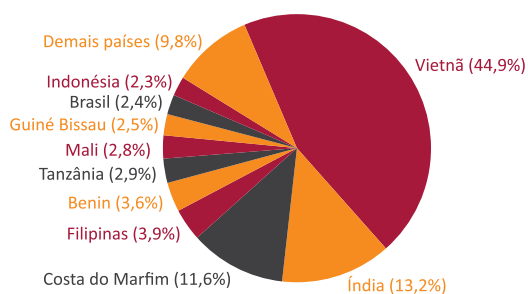
com o processamento, a comercialização e com o apoio governamental.

A Índia é a segunda maior produtora e principal consumidora mundial. Grande parte de sua produção é para consumo próprio, com considerável aumento em função de uma tradição religiosa que tem levado parcela da população a tornar-se vegetariana e consumidora da castanha de caju como fonte de proteína (Gráfico 2).

O aumento da produção mundial de castanha de caju, entre 2016 e 2017, foi atribuído principalmente ao Vietnã, à Índia, que respondeu por 6,3% desse acréscimo, à Costa do Marfim (5,2%) e ao Brasil (Gráfico 3 e Gráfico 4). A grande distância dos maiores produtores mundiais em relação aos demais Países decorre da maior produtividade do Vietnã e das maiores áreas cultivadas na Índia e Costa do Marfim (Gráfico 2).

1 Os dados da FAOSTAT (2020) divergem de outras fontes de informações, como a da Associação do Caju no Vietnã (2017), citada por Khan et al., 2014: o rendimento do cajueiro, em 2016, era de 1.250 kg/ha, com produção de mais de 475 mil toneladas de caju in natura, colocando o Vietnã como 3º maior produtor mundial de castanha de caju, depois da Índia e Costa do Marfim. O mesmo documento cita projeções de produtividade média de 1.500 kg/ha, para 2020 e de 2.000 kg/ha, para 2030 (KHAN et al., 2014).

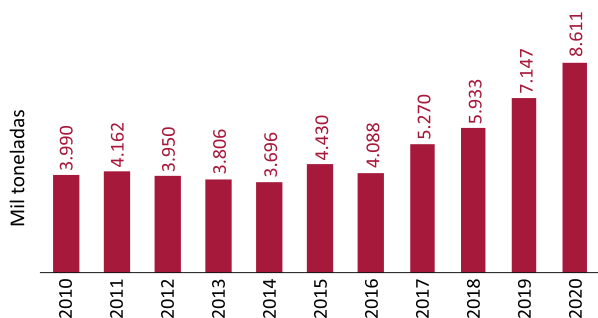
Gráfico 2 – Maiores produtores mundiais de castanha de caju em 2018



Fonte: FAOSTAT (2020).

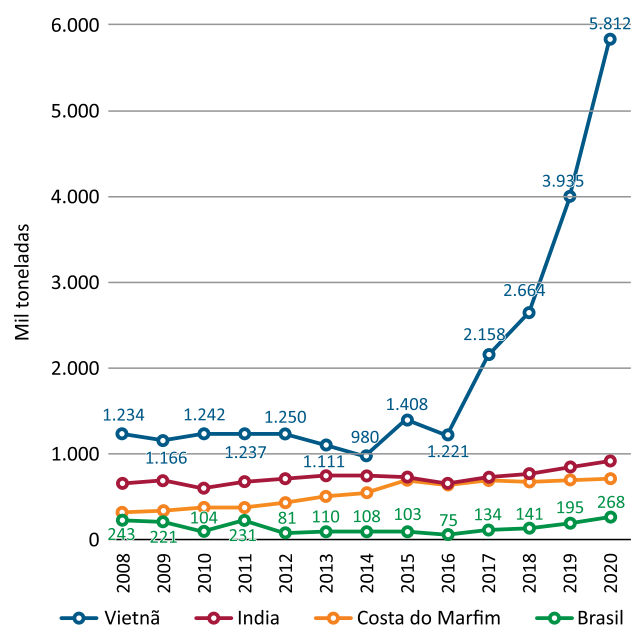
Entre 2017 e 2018 o aumento foi menor, tendo o Vietnã responsável pela maior parcela. Mas vale ressaltar a considerável participação dos Países africanos Mali (14,4%) e (Benin (9,0%). Em Mali, os pomares de caju tiveram aumento de produtividade de 94,2%; e em Benin, o acréscimo na produção foi em função do aumento de área (21,0%). Nesses dois Países existem projetos que são apoiados pela Cooperação Espanhola, União Europeia e pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Caso as estimativas se confirmem, a produção mundial chegará a 8,6 milhões de toneladas, em 2020 (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Evolução da produção mundial de castanha de caju (Em mil toneladas)



Fonte: Adaptado pela autora de FAOSTAT (2020) e CONAB (2020a).
Nota: dados estimados para 2019 e 2020.

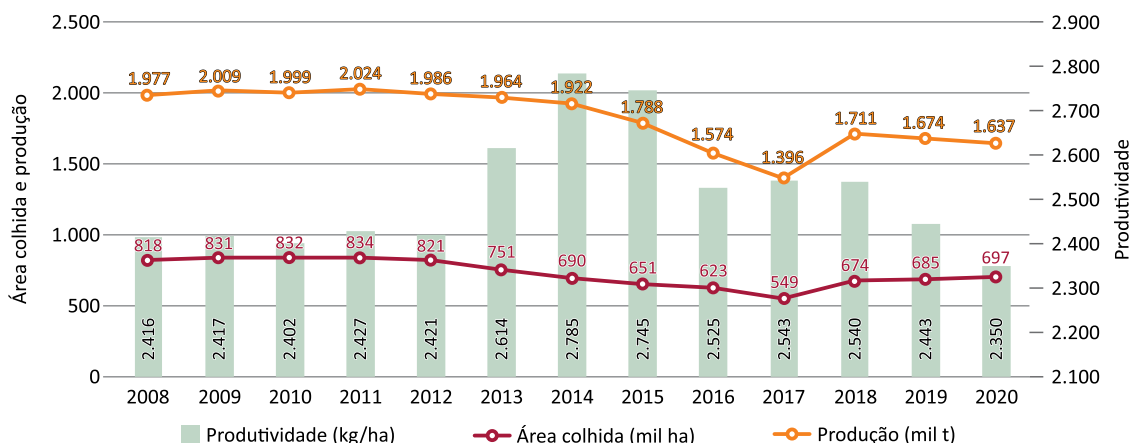
Gráfico 4 – Evolução da produção de castanha de caju nos principais países produtores (Em mil toneladas)



Fonte: Adaptado pela autora de FAOSTAT (2020) e CONAB (2020a).
Nota: dados estimados para 2019 e 2020.

O Brasil é um grande produtor mundial de pedúnculo de caju, comercializado com a denominação de *cashewapple*², por apenas quatro Países (Brasil, Mali, Madagascar e Goiana). Em 2018, a produção mundial foi de 1.711 mil toneladas e o Brasil participou com 90,1% desse volume, parcela que tem mantido durante todo o período analisado. Possivelmente, a variedade comercializada ainda é a de cajueiros gigantes, tanto pelo tempo em que começou a ser comercializado, quanto à sua destinação para sucos e doces, somente para o mercado interno (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Evolução da área, produção e produtividade do pedúnculo do caju nos principais Países produtores



Fonte: Adaptado pela autora de FAOSTAT (2020) e CONAB (2020a).
Nota: dados estimados para 2019 e 2020.

² Cashew apple - Pedúnculo de caju (parte comestível do caju usada em sucos e doces) (INGLÊS..., 2020).

Desde a década de 1990, o Vietnã começou a plantar exclusivamente a variedade de cajueiro anão-precoce, sendo um dos principais fatores de sua elevada produtividade. A Índia, por ter sido um dos primeiros produtores de castanha de caju, ainda possui muitos cajueirais tradicionais, mas a expansão de suas áreas é realizada com espécies mais produtivas. Dentre os principais produtores mundiais, o Brasil é o que possui a menor produtividade por hectare devido a alguns fatores: grande parte dos pomares é de cajueirais gigantes em fase de declínio natural da produção; exploração das culturas de forma quase extrativista com baixa utilização de tecnologia; a arquitetura da planta inviabiliza alguns tratamentos culturais, a exemplo do controle químico de pragas e doenças e; em consequência da baixa produtividade da cultura, a remuneração do produtor é insuficiente para cobrir os custos com tratamentos culturais.

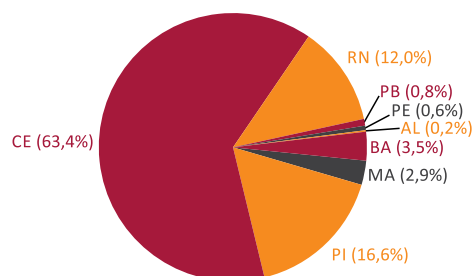
4 PANORAMA DA CAJUCULTURA NO BRASIL E ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB³

4.1 ÁREA PLANTADA COM CAJUEIRO E PRODUÇÃO DE CASTANHA DE CAJU

ÁREA

A área ocupada com cajueiro no Brasil em 2018 foi calculada em 439,2 mil ha, desse total, 99,5% encontra-se na Região Nordeste. Mais da metade da área colhida está localizada no Ceará, que também possui a maior área no País. Além do Ceará, a produção está concentrada em mais dois estados, Piauí e Rio Grande do Norte, cujas áreas somam 29,3%, restando 8,3% que ficam distribuídos entre os demais estados nordestinos.

Gráfico 6 – Participação percentual dos estados na área colhida com cajueiro no Nordeste em 2020*



Fonte: IBGE (2020a); (*) Estimativa anual, atualizada em 09/04/2020.

Até 2011, a área colhida com cajueiro no Nordeste vinha se expandindo gradativamente, mas, a partir de 2012, com o advento da seca e a ocorrência de pragas e doenças (mosca branca⁴, antracnose⁵ e oídio⁶), houve elevado índice de mortalidade de plantas nos principais produtores (Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte), promovendo a redução de 294,2 mil ha nesses estados (**Tabela 1**). No Rio Grande do Norte, a estiagem atingiu todas as regiões produtoras do estado causando a redução de 60,7% de suas áreas, entre 2012 e 2018, equivalente a mais de 76,6 mil hectares. O Piauí perdeu 90,0 mil hectares de área plantada, e essa quantidade é bastante expressiva, por representar mais da metade do total estadual (52,5%). No mesmo período, o Ceará foi o que mais perdeu área colhida em termos absolutos (127,5 mil ha), embora essa quantidade represente 31,7%, por ser o Estado que possui a maior área. A redução não foi muito maior, porque parte do cajueiral perdido vem sendo substituído por novos plantios de cajueiro anão precoce (**Gráfico 8**). Em muitas localidades, os produtores cortaram os cajueiros mortos e comercializaram a madeira.

Tabela 1 – Área colhida com cajueiro no Brasil por região e estados do Nordeste

Brasil/Regiões/Estados	Hectares										
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*
Norte	3.387	3.620	3.830	3.629	3.030	2.945	2.329	2.341	1.841	1.116	1.130
Nordeste	754.881	760.137	752.296	690.948	623.445	587.316	565.087	486.187	437.163	424.531	427.551
Maranhão	19.557	18.875	16.999	16.091	14.438	11.968	13.379	14.326	14.208	12.425	12.461
Piauí	171.420	171.525	165.410	132.439	92.338	87.377	79.219	76.376	75.403	69.388	71.080
Ceará	401.347	402.255	400.285	405.458	378.094	374.426	376.054	311.375	272.755	269.831	271.061
R G do Norte	121.281	126.208	129.496	104.897	107.020	78.755	62.136	61.135	52.852	51.397	51.516
Paraíba	7.297	5.671	5.412	4.705	4.125	4.039	3.950	3.363	3.460	3.377	3.250
Pernambuco	6.687	8.531	6.187	3.230	3.571	3.791	3.402	2.658	2.351	2.476	2.391
Alagoas	1.444	1.345	1.327	1.169	1.169	1.174	1.214	1.039	1.067	637	792
Bahia	25.848	25.727	27.180	22.959	22.690	25.786	25.733	15.915	15.067	15.000	15.000
Centro-Oeste	720	715	720	712	662	652	171	155	165	150	150
Brasil	758.988	764.472	756.846	695.289	627.137	590.913	567.587	488.683	439.169	425.797	428.831

Fonte: IBGE (2020, 2020a); (*) Estimativa anual, atualizada em 09/04/2020.

4 Mosca branca (*Bemisia tabaci*), pequeno inseto sugador que se alimenta da seiva das plantas podendo levá-las à morte ou à queda na produtividade. Além disso, a secreção açucarada desse inseto favorece o aparecimento do fungo fumagina, que forma uma película de cor preta nos tecidos da planta prejudicando a fotossíntese.

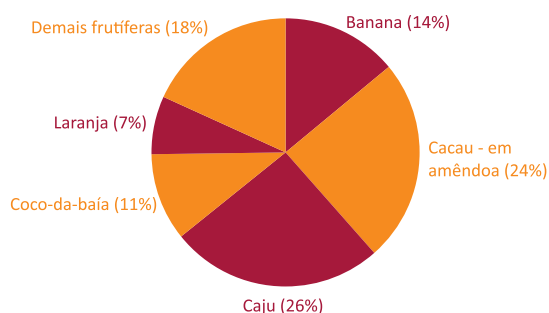
5 Antracnose, considerada a mais severa doença de cajueiro no Brasil, é causada pelo fungo *Colletotrichum gloeosporioides* que provoca lesões, em ambas as faces das folhas, nos caules, ramos, frutos e pseudofrutos.

6 Oídio, doença causada pelo fungo *Oidium anacardii* Noack. Os sintomas são manchas em torno da nervura principal das folhas que lembram cinza vegetal. As manchas evoluem para todo o limbo da folha.

3 Região Nordeste do Brasil e norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Apesar da considerável mortalidade e consequente perda de área, o cajueiro ainda ocupa a segunda maior área plantada com fruticultura no Nordeste, evidenciando o potencial da atividade para a Região, pois ainda permaneceu mesmo após cinco anos de seca. Por outro lado, nos perímetros irrigados, muitas outras culturas perenes morreram devido à escassez de água. Na tentativa de recuperar a cajucultura, representantes do setor sugeriram ocupar com cajueiro anão precoce, as áreas dos perímetros irrigados onde as culturas perenes morreram. Essa pode ser uma boa alternativa tanto para recuperar a cajucultura, como também para revitalizar os perímetros irrigados que sofreram elevados prejuízos com a seca. As vantagens seriam: maior viabilidade econômica, porque a produtividade do cajueiro anão precoce irrigado é elevada; menor risco de perda de plantas por ocasião de uma seca, por ser o cajueiro mais tolerante ao estresse hídrico do que a maioria das frutíferas cultivadas em perímetros irrigados; aumento do fornecimento de castanha às indústrias locais, diminuindo as importações, e suprimindo a elevada capacidade ociosa da indústria, principalmente no Ceará.

Gráfico 7 – Participação percentual das culturas na área plantada com fruticultura no Nordeste, em 2020



Fonte: IBGE (2020).
Nota: dados estimados para 2020.

Essa atividade cumpre todos os requisitos de sustentabilidade, pois, além de preservar o meio ambiente, gera renda e emprego na época mais seca do ano, contribuindo para a manutenção do homem do campo e evitando o êxodo rural com suas consequências.

PRODUÇÃO

O Nordeste responde por quase toda a produção brasileira de castanha de caju (98,6%), portanto, o que ocorre nessa Região reflete semelhantemente no País. Em 2018, a produção foi de 139 mil toneladas provenientes, principalmente, do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, equivalente a 89,0% da produção nacional, com destaque para o Ceará que participou com mais da metade dessa quantidade (**Tabela 2**).

Em 2017, o maior volume de chuva contribuiu para um salto de 80,8% na produção nordestina. No Ceará, o aumento da produção foi de 161,9%, como resultado do processo de substituição de copas em cajueiros gigantes e plantio de novas áreas com cajueiro anão (**Tabela 2; Gráfico 8**). O programa desenvolvido pelo Estado, através da Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA) e a EMATER-CE, que preveem a distribuição de mudas e substituição de copas em uma média de três mil hectares de cajueiro por ano, tem dado bons frutos.

No Piauí e Rio Grande do Norte a produção também aumentou, mas em níveis menores, respectivamente, 52,8% e 13,8%, porque esses estados perderam drasticamente mais da metade de suas áreas e de seus pomares. Somente entre 2011 e 2012, a queda de produção do Piauí foi de 80,5% e do Rio Grande do Norte, 66,8% (**Tabela 2**). Nesses estados, o cajueiro é cultivado, na maioria, por pequenos produtores.

Tabela 2 - Produção de castanha de caju no Brasil por Região e estados do Nordeste (em toneladas)

Brasil/Região/UF	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*
Norte	2.594	3.318	3.495	2.311	1.663	1.651	1.453	1.466	1.826	731	766
Nordeste	101.478	227.191	76.824	107.090	105.789	101.456	73.019	132.049	139.495	138.572	129.277
Maranhão	6.871	5.114	4.925	4.980	5.177	4.093	4.848	5.665	5.998	3.969	4.336
Piauí	14.591	45.773	8.923	12.863	12.347	12.751	11.189	17.100	24.885	21.631	24.714
Ceará	39.596	111.718	38.574	53.112	51.211	52.118	30.968	81.098	83.036	87.711	74.284
Rio G. do Norte	26.601	54.252	18.003	28.109	27.405	22.337	18.169	20.670	17.986	16.859	17.211
Paraíba	2.231	1.897	818	1.025	991	960	897	893	864	921	802
Pernambuco	5.564	6.293	3.401	2.067	2.745	3.164	2.906	2.491	4.018	4.111	4.037
Alagoas	584	388	770	665	634	612	664	760	697	370	443
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bahia	5.440	1.756	1.410	4.269	5.279	5.421	3.378	3.372	2.011	3.000	3.450
Centro-Oeste	270	276	311	278	261	256	96	93	97	80	87
Brasil	104.342	230.785	80.630	109.679	107.713	103.363	74.568	133.608	141.418	139.383	130.130

Fonte: IBGE (2020, 2020a).
Nota: (*) Estimativa anual, atualizada em 09/04/2020.

PRODUTIVIDADE

Entre 2012 e 2018, a produtividade dos cajueiros no Nordeste aumentou 212,7%, no Piauí o aumento foi de 511,1%, no Ceará (216,7%) e no Rio Grande do Norte (144,6%). Apesar desse extraordinário crescimento, se considerarmos o ano de 2018 em relação a 2011, o estado que experimentou maior recuperação da atividade foi o Piauí, cujo acréscimo foi de 23,6%. O Rio Grande do Norte não chegou a recuperar a produtividade dos seus pomares e o Ceará experimentou uma pequena recuperação (Tabela 3).

A execução dos programas de recuperação da atividade tem sido difícil por causa da grande dispersão de áreas e tamanho das propriedades que, em grande parte, medem menos de 10 hectares. Por outro lado, somente a substituição de copa e o plantio de cajueiro anão precoce não assegura a melhoria do rendimento da cultura, pois grande parte dos produtores não possui recursos para adotar o pacote tecnológico (adubação, irrigação e outros) exigido pelas variedades melhoradas.

Tabela 3 – Produtividade da castanha de caju nos principais estados do Nordeste

Estados	Produtividade (kg/ha)										
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*
Piauí	85	267	54	97	134	146	141	224	330	312	348
Ceará	98	278	96	131	135	139	82	260	304	325	274
Rio Grande do Norte	219	430	139	268	256	284	292	338	340	328	334

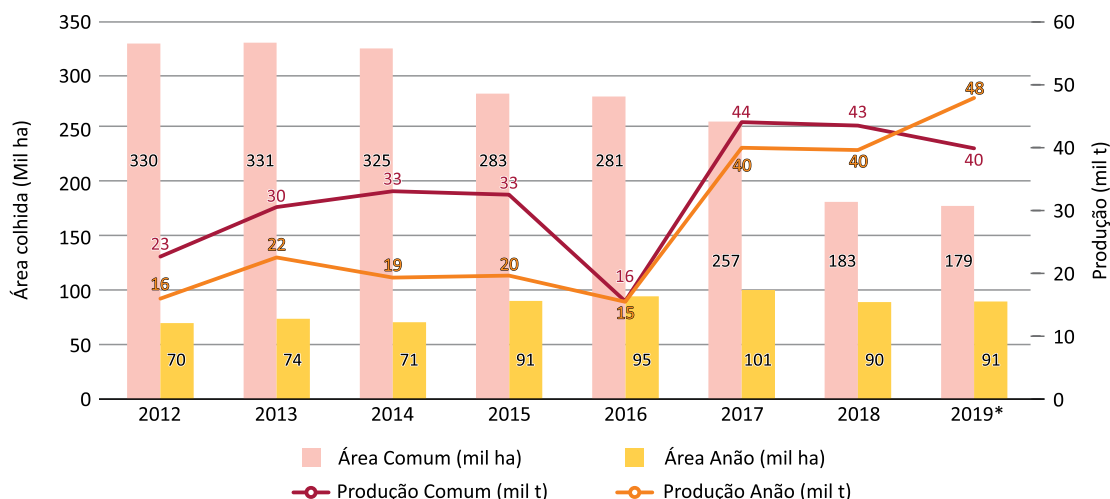
Fonte: IBGE (2020, 2020a).

Nota: (*) Estimativa anual, atualizada em 09/04/2020.

No estado do Ceará, a área com cajueiro comum vem reduzindo continuamente desde 2013, totalizando quase 151,5 mil hectares a menos, até 2019. A área com cajueiro anão está crescendo, mas a uma taxa bem menor do que a redução de área do cajueiro comum, que passou de cinco vezes para o dobro da área do cajueiro anão, de 2012 a 2019. Em razão do incremento da área plantada com cajueiro anão e de sua maior produtividade, o volume de castanha ultrapassou o do cajueiro comum, em 2019 (Gráfico 8; Gráfico 9).

O porte do cajueiro anão propicia a colheita manual e a venda do caju de mesa (pedúnculo juntamente com a castanha) para consumo *in natura*. Esse produto já está sendo vendido em alguns supermercados, nos períodos de entressafra, possibilitando ao produtor obter maior preço de venda, durante um maior período do ano e assim aumentar sua renda. No Ceará, está crescendo sua produção em algumas microrregiões como Cascavel, Litoral de Aracati, Chorozinho e Baixo Jaguaribe.

Gráfico 8 – Comparativo da área colhida e produção de cajueiro comum e anão no estado do Ceará⁷ entre 2012 e 2019

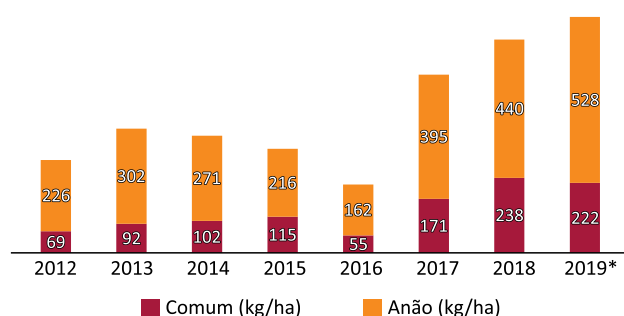


Fonte: IBGE/LSPA (Série 2012 a 2019). Nota: (*) Dados preliminares de dezembro/2019.

Nota: Vale salientar que só foi possível fazer essa análise para o Ceará, porque a equipe do IBGE desse estado faz distinção entre o cajueiro anão e o comum, durante a coleta dos dados, o que deveria ser incentivado nos demais estados produtores.

7 Não foi possível obter informações dos outros estados nordestinos.

Gráfico 9 – Comparativo da produtividade do cajueiro comum e anão precoce no Ceará



Fonte: IBGE/LSPA (Série 2012 a 2019). Nota: (*) Dados preliminares de dezembro/2019.

Nota: Vale salientar que só foi possível fazer essa análise para o Ceará, porque a equipe do IBGE desse estado faz distinção entre o cajueiro anão e o comum, durante a coleta dos dados, o que deveria ser incentivado nos demais estados produtores.

PROCESSAMENTO

O processamento de castanha no Nordeste é realizado por grandes empresas e por minifábricas. As empresas processadoras da Região estão concentradas no Ceará que absorve também grande parte da produção do Rio Grande do Norte e do Piauí. No entanto, as dificuldades do setor causaram a redução do número de indústrias processadoras de castanha na Região. O processamento do pedúnculo e a distribuição de caju de mesa são atividades que atendem exclusivamente ao mercado interno, enquanto as atividades relacionadas com o processamento da castanha são direcionadas tanto para o mercado interno

quanto para o externo, embora a maior parte da produção seja exportada. No mercado doméstico, os maiores compradores de castanha de caju são as grandes redes de supermercados e a indústria de alimentos. Existem postos de compra do caju em algumas áreas do Piauí onde o pedúnculo é esmagado para fazer polpa, que é coletada por caminhões-tanques e transportada de forma refrigerada até as fábricas (BNB, 2009).

4.2 VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO E PREÇO DA CASTANHA DE CAJU COM CASCA

VALOR DE PRODUÇÃO

Em 2020, a área com cajueiro representou 25,7% da área com fruticultura no Nordeste, porém, a castanha de caju, que é o principal produto da atividade, respondeu por apenas 3,3% do valor de produção do setor na Região. Também são produtos da cajucultura, o caju (pedúnculo mais a castanha) comercializado *in natura*, o doce de caju e a cajuína. O desperdício do pedúnculo é um dos principais fatores que contribui para o baixo valor de produção da cajucultura no Nordeste, pois quase toda a receita gerada pela cultura provém da comercialização da castanha. Por outro lado, no Piauí e no Ceará, a castanha de caju assume um elevado percentual em relação ao valor de produção da fruticultura, 18,6% e 11,2%, respectivamente. E os plantios ocupam 94,0% da área plantada com fruticultura no Piauí e 70,5% no Ceará (Tabela 4). Estes dados demonstram tanto o elevado valor econômico como a importância social da atividade para esses estados.

Tabela 4 – Valor de produção e área plantada com fruticultura e caju no Nordeste por estado em 2020

Estados	Valor da produção (Mil Reais)		(%)	Área (hectares)		(%)
	Fruticultura	Castanha de caju		Fruticultura	Caju	
Maranhão	158.820	15.176	9,6	25.488	14.816	58,1
Piauí	339.641	63.268	18,6	74.961	70.456	94,0
Ceará	2.186.983	245.137	11,2	275.381	194.140	70,5
Rio Grande do Norte	1.591.629	53.526	3,4	135.615	34.144	25,2
Paraíba	639.661	2.085	0,3	36.319	3.104	8,5
Pernambuco	3.125.954	10.698	0,3	92.303	1.733	1,9
Alagoas	686.843	1.329	0,2	64.271	926	1,4
Sergipe	391.178	-	-	51.494	1	-
Bahia	3.074.683	10.350	0,3	521.989	9.390	1,8
Nordeste	12.195.392	401.570	3,3	1.277.821	328.709	25,7

Fonte: IBGE (2020).

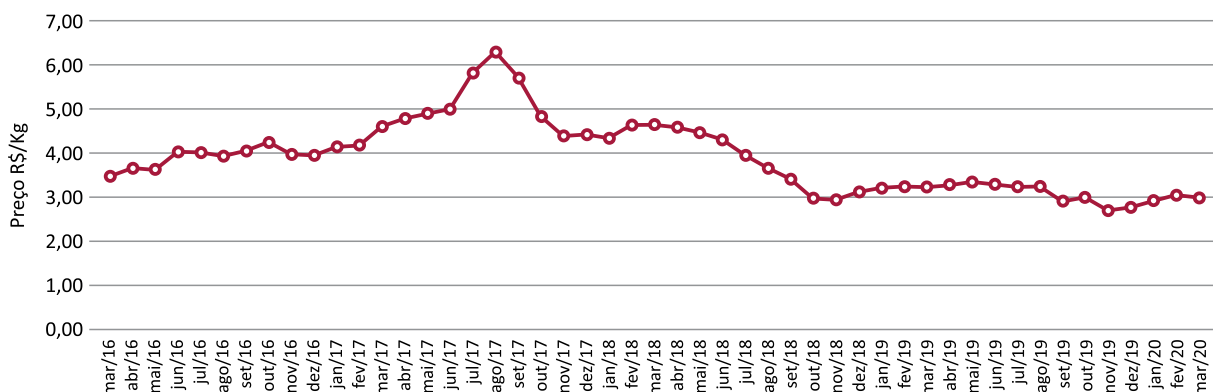
Nota: dados estimados para 2020. CONAB (2020).

PREÇO

A redução da oferta de castanha de caju *in natura* na Região, nos últimos anos, promoveu a elevação do preço pago ao produtor, alcançando o valor médio de R\$ 6,29/kg, em agosto de 2017, mês do início da colheita no Rio Grande do Norte e Ceará, onde os maiores preços chegaram a R\$8,26/kg e R\$6,24/kg, respectivamente. No Piauí, o preço máximo pago aos produtores foi R\$4,51/kg em julho de 2017, quando se inicia a colheita, nesse estado.

Com o aumento da oferta, a partir desse mesmo ano e ao longo de 2018, os preços começaram a cair e se mantiveram na faixa de R\$ 3,00, atingindo o valor mínimo de R\$2,70/kg, em novembro de 2019. Com o encerramento do período de comercialização em janeiro, no Rio Grande do Norte e, em fevereiro, no Ceará, o preço médio pago ao produtor começou a aumentar. Já no Piauí isso não ocorre porque o período de comercialização se estende por todo o ano, mesmo que em pequenas quantidades.

Gráfico 10 – Média do preço pago (R\$/Kg) ao produtor por kg de castanha de caju em casca, nos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte



Fonte: CONAB (2020).

CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO

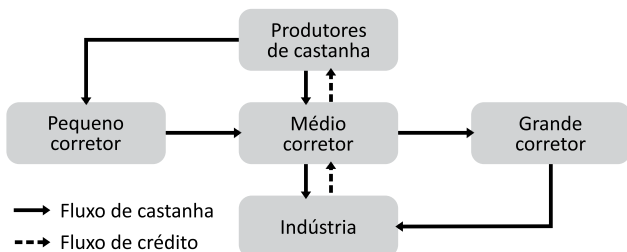
Os produtores de castanha de caju do Nordeste comercializam sua produção para corretores (intermediários). Existem pequenos, médios e grandes corretores atuando no mercado.

Na figura 1 pode-se observar de forma simplificada o fluxo de castanha e de crédito na cadeia. O pequeno produtor vende a produção para corretores locais, geralmente donos de pequenos comércios (bodegas) que, de posse de um maior volume de castanha, repassam para os médios corretores, que também adquirem castanha de produtores de médio porte.

O corretor de médio porte repassa a castanha ou para grandes corretores ou diretamente para a indústria. O maior fluxo de castanha que entra na indústria é oriundo de grandes corretores.

As negociações são realizadas informalmente, sendo comum nessa cadeia o financiamento também informal. As indústrias adiantam recursos para os corretores para a compra do produto e os corretores financiam os produtores para a realização dos tratos culturais e colheita, pagando aqueles com suas produções (BNB, 2009).

Figura 1 – Fluxo de castanha e de crédito



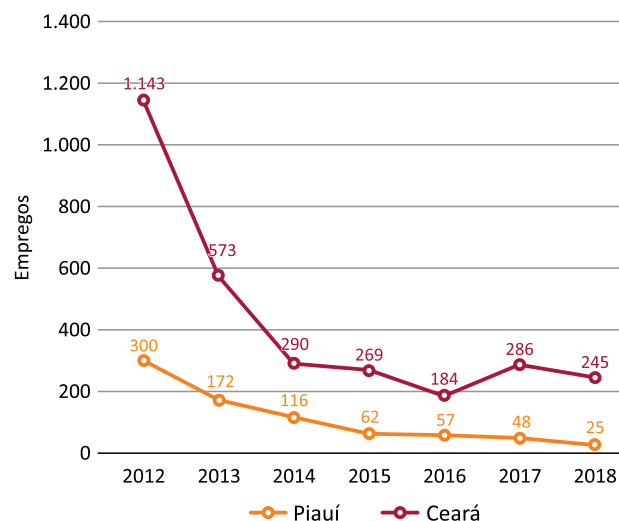
Fonte: Elaborado a partir de informações do BNB (2009).

4.3 VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS PARA O CULTIVO DO CAJUEIRO

O emprego no cultivo de cajueiro cumpre um importante papel social de evitar o êxodo de pessoas do campo para a cidade. Em 2012, existiam no Brasil 1.557 pessoas empregadas no meio rural com o cultivo de caju, dos quais

73,4% se encontravam no Ceará e 19,3% no Piauí, estados localizados em região semiárida do Nordeste. A partir de então, com as secas que se seguiram, foram desempregadas 1.142 pessoas, agravando os problemas sociais no meio rural, visto que o número de empregos no Brasil desceu para 415, em 2018, dos quais, 86,3% se encontram na Região Nordeste (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Vínculos empregatícios para a cultura do caju no Ceará e Piauí



Fonte: MTE (2020).

5 MERCADO MUNDIAL DA CASTANHA DE CAJU

5.1 EXPORTAÇÕES

No mercado externo são transacionados dois tipos de produtos: a castanha de caju com casca ou não beneficiada que é exportada principalmente pelos países africanos (Costa do Marfim, Tanzânia e Gana) e a amêndoa de castanha de caju (ACC) cujo mercado é dominado pela Índia e Vietnã. Este País conquistou 58% das exportações mundiais vendendo a amêndoa por um preço menor que o de seus concorrentes, dentre eles o Brasil, por conseguir manter seus custos baixos a partir do processamento mecanizado.

Em 2017, as exportações mundiais de castanha de caju com casca foram da ordem de 1,8 milhão de toneladas e as de amêndoas representaram um terço dessa quantidade (584 mil toneladas) (Tabela 5). Mas, por se tratar de um produto beneficiado, o valor das exportações mundiais de ACC é bem maior que o de castanha com casca. Em 2017, o preço da tonelada de ACC foi quase duas vezes maior do que o preço da castanha *in natura*.

Em tempos normais, esse é um ponto forte do Brasil que envia predominantemente a amêndoa de castanha de caju para o mercado externo, gerando divisas para o País. Contudo, em função da menor oferta de castanha de caju com casca, o Nordeste, que responde por 99,98% das exportações brasileiras de castanha de caju, foi perdendo posição ano a ano e passou de terceiro maior exportador mundial, posição que vinha mantendo até 2010, para sétimo, em 2017, com participação de apenas 2,0% das exportações mundiais de ACC (Tabela 5).

Tabela 5 – Maiores exportadores mundiais de castanha de caju, em 2017

Amêndoa de castanha de caju (ACC)			
Países	1.000 US\$	Toneladas	(%) *
Vietnã	3.385.090	338.912	58,0
Índia	942.150	88.419	15,1
Países Baixos	383.768	38.352	6,6
Gana	43.142	19.355	3,3
Emirados Árabes	127.601	18.040	3,1
Alemanha	168.394	14.761	2,5
Brasil	114.090	11.424	2,0
Costa do Marfim	69.467	8.141	1,4
Indonésia	58.575	5.745	1,0
Moçambique	44.735	5.543	0,9
Bélgica	48.281	4.616	0,8
Demais Países	236.178	30.686	5,3
Total	5.621.471	583.994	-

Castanha de caju com casca			
Países	1.000 US\$	Toneladas	(%) *
Costa do Marfim	1.150.180	607.306	33,9
Tanzânia	528.985	329.060	18,4
Gana	253.196	191.331	10,7
Benin	203.271	118.000	6,6
Guiné Bissau	283.920	111.355	6,2
Guiné	144.329	105.000	5,9
Burquina Faso	144.759	98.127	5,5
Nigéria	331.688	59.530	3,3
Moçambique	135.455	56.715	3,2
Indonésia	112.578	54.306	3,0
Togo	3.754	20.469	1,1
Demais Países	83.353	40.199	2,2
Total	3.375.468	1.791.398	-

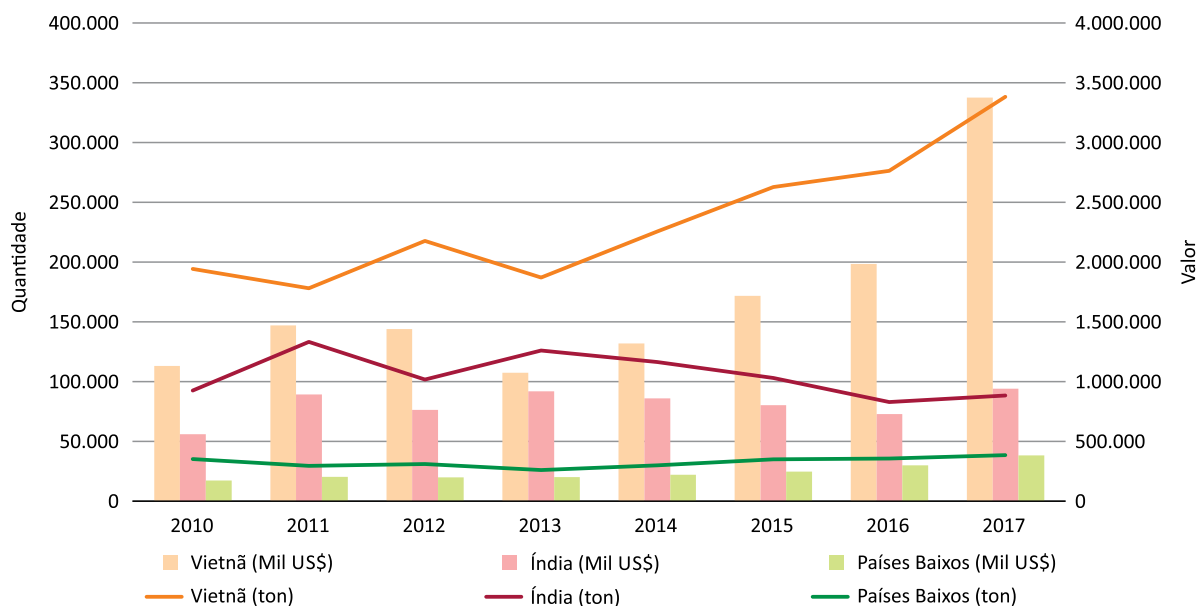
Fonte: FAOSTAT (2020).

Nota: *Participação percentual no volume total de exportação.

As exportações de amêndoa de castanha de caju, do Vietnã, caíram em função do isolamento entre as regiões, para controlar a propagação do vírus SARS-CoV-2. Os governos de seus principais importadores, Estados Unidos e União Europeia, estão fechando suas fronteiras e cancelando muitas de suas transações comerciais. Assim, para 2020, a previsão é de que as exportações alcancem apenas cerca de três bilhões de dólares, o que seria uma queda de 11,0% em relação à 2017.

A queda das importações de castanha de caju do Vietnã (-29,5% do volume e -37,9% do valor) nos três primeiros meses de 2020, em relação ao mesmo período de 2019, estão sendo sentidas pelos seus Países exportadores, principalmente os africanos, por terem o Vietnã como principal destino dos seus produtos (VINACAS, 2020).

Gráfico 12 – Maiores exportadores mundiais de amêndoa de castanha de caju



Fonte: FAOSTAT (2020).

5.2 IMPORTAÇÕES

O Vietnã e a Índia são os maiores importadores de castanha de caju com casca para beneficiarem e destinarem uma parte para consumo e outra para reexportação, tornando-se assim os maiores exportadores mundiais de amêndoa de castanha de caju.

A Índia, apesar de grande produtora mundial, importa mais de 60% da castanha *in natura* para atender a demanda da indústria local e beneficia tanto para reexportação, quanto para atender ao seu consumo interno que tem aumentado consideravelmente por causa de uma tradição religiosa em parte de sua população. Entretanto, devido ao isolamento da pandemia, a colheita e o processamento foram adiados, afetando a indústria local. O consumo de castanha de caju reduziu, logo, o consumo mundial cairá, com repercussões no mercado mundial, em 2020 (VINCAS, 2020a).

O Brasil é o terceiro maior importador mundial de castanha de caju com casca. Isso ocorre quando a oferta de castanha de caju no mercado interno não atende a necessidade de processamento das indústrias. Em 2012, as importações chegaram a 59,5 mil toneladas.

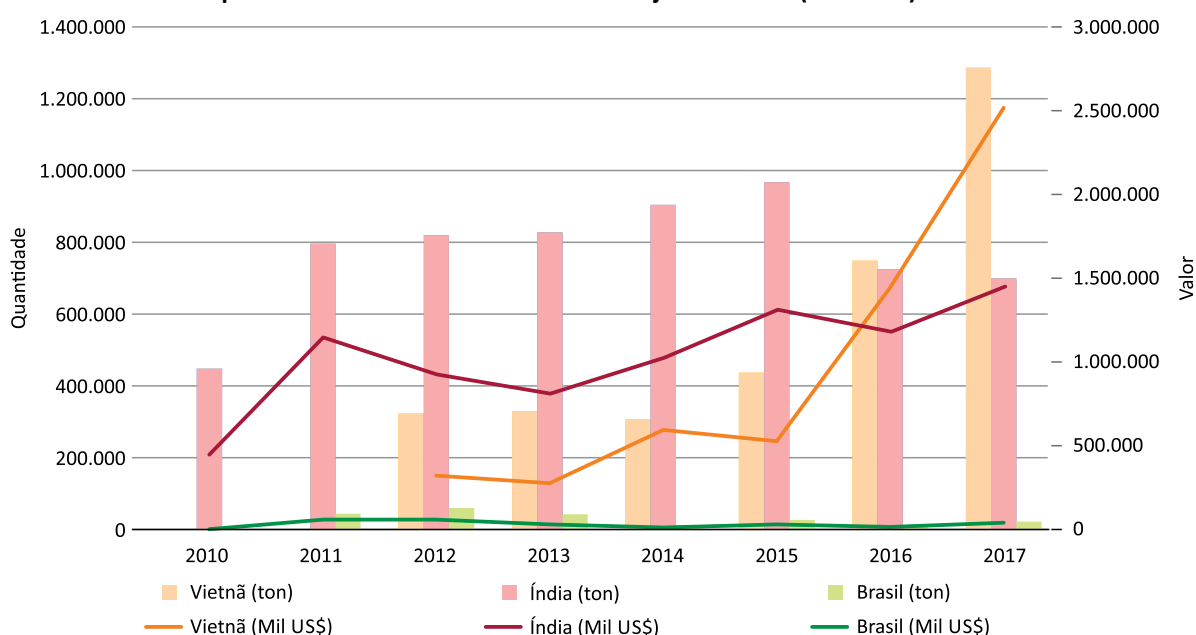
Tabela 6 – Maiores importadores mundiais de castanha de caju, em 2017

Amêndoa de castanha de caju			
Países	1.000 US\$	Toneladas	(%) *
Estados Unidos	1.580.528	153.448	30,4
Alemanha	544.737	53.922	10,7
Países Baixos	528.041	52.411	10,4
Emirados Árabes	196.165	27.080	5,4
Reino Unido	215.609	22.220	4,4
Austrália	150.066	15.342	3,0
Canadá	119.956	11.950	2,4
Bélgica	106.226	10.788	2,1
França	113.918	10.626	2,1
Japão	107.716	10.231	2,0
Demais Países	1.286.745	136.877	27,1
Total	4.949.707	504.895	100,0
Castanha de caju com casca			
Países	1.000 US\$	Toneladas	(%) *
Vietnã	2.523.137	1.289.754	63,5
Índia	1.451.257	701.502	34,5
Brasil	38.589	21.969	1,1
China (Continente)	11.687	7.863	0,4
Srilanca	4.171	2.109	0,1
Indonésia	2.352	1.246	0,1
Emirados Árabes	1.920	1.196	0,1
Togo	172	1.000	0,0
Canadá	4.315	424	0,0
Bélgica	5.535	397	0,0
Demais Países	19.473	4.138	0,2
Total	4.062.608	2.031.598	100,0

Fonte: FAOSTAT (2020).

Nota: *Participação percentual no volume total de exportação.

Gráfico 13 – Maiores importadores mundiais de castanha de caju com casca (*in natura*)



Fonte: FAOSTAT (2020).

5.3 CONSUMO MUNDIAL

O consumo mundial de caju foi de 647,3 mil toneladas em 2018, com projeção de crescimento anual de 5,7%, chegando a 956,6 mil toneladas em 2024. Um dos principais fatores para esse crescimento é a rápida mudança no padrão de consumo, nos últimos anos, devido, principalmente, aos variados subprodutos de caju que estão ocupando cada vez mais espaço no mercado de varejo e ao seu uso em dietas diárias e lanches saudáveis prontos para o consumo. Além disso, na África, o aumento cada vez maior de compradores e processadores tem levado ao surgimento de unidades com grande capacidade de processamento (MORDOR INTELLIGENCE, 2020).

6 MERCADO EXTERNO DO BRASIL E DA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

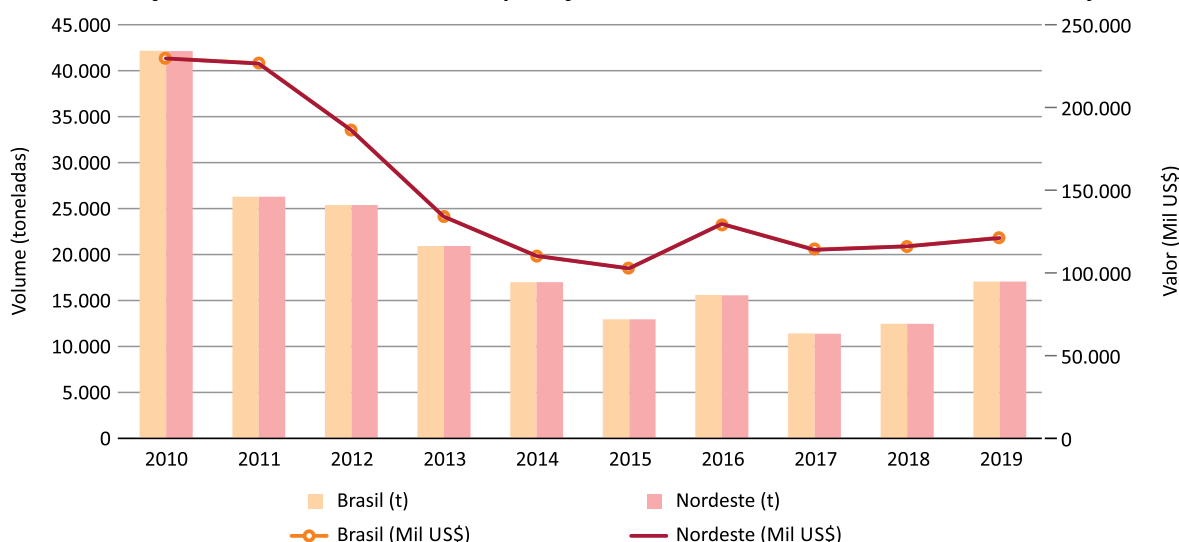
6.1 EXPORTAÇÕES

Desde 2010, o Brasil vem perdendo mercado, provavelmente para o Vietnã, que aumentou 144 mil toneladas

nas suas exportações nesse mesmo período. Embora a seca ocorrida no Nordeste desde 2012 tenha contribuído para este cenário, o fato das exportações nacionais e nordestinas de castanha de caju começarem a cair antes do início da seca revela que, além das questões climáticas, existem outros fatores que estão prejudicando a competitividade do setor no mercado externo.

O preço pode ser um dos fatores, pois enquanto o Brasil cobrava U\$54,07 pelo quilo da amêndoa, o Vietnã estava cobrando U\$5,83. Mas, à medida que foi perdendo mercado, o preço nacional foi caindo, chegando a U\$7,73/kg, em 2017. Por outro lado, o Vietnã, depois de conquistados seus mercados, começou a aumentar o preço, chegando ao valor de U\$10,00 o quilo de amêndoa. A partir de 2017, com a queda dos preços, as exportações nacionais aumentaram e se mantiveram crescentes até 2019. Para 2020, também se espera um recuo nas exportações, já que os maiores mercados nacionais fecharam suas fronteiras pelos mesmos motivos expostos anteriormente.

Gráfico 14 – Evolução do volume e do valor das exportações brasileiras e nordestinas de castanha de caju e amêndoa

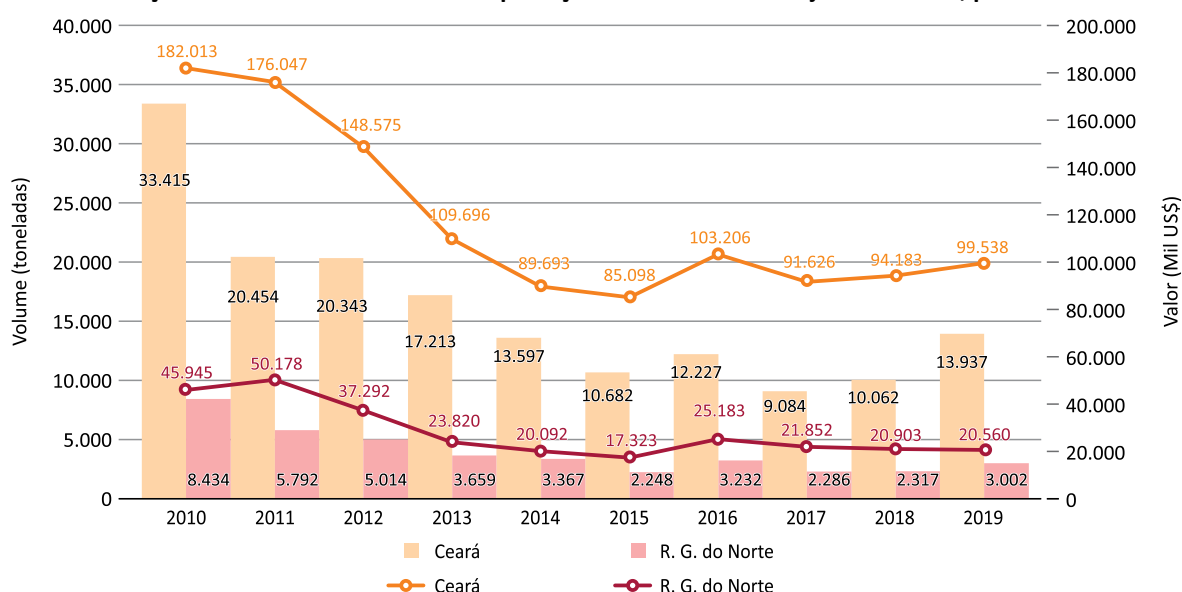


Fonte: AGROSTAT (2020).

O Ceará é o estado que exporta o maior volume de castanha de caju do Nordeste (81,6%), exercendo grande influência sobre o mercado nordestino e nacional. A recuperação da produção, a partir de 2017, ocorreu prin-

cipalmente nesse estado, e suas exportações também começaram a crescer, ultrapassando os níveis de 2014 (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Evolução do volume e do valor das exportações de castanha de caju e amêndoa, por estados nordestinos



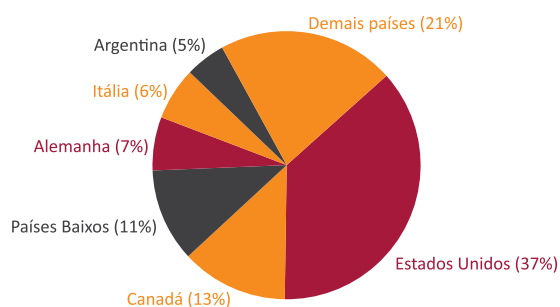
Fonte: AGROSTAT (2020).

Mesmo com toda a adversidade pela qual o setor tem passado nos últimos anos, a castanha de caju (ACC) continua sendo um importante produto gerador de divisas na Região. Em 2019, a castanha foi responsável por 17,8% do valor das exportações do agronegócio do Ceará e por 7,6% do Rio Grande do Norte.

Os principais compradores de amêndoa de castanha de caju no mercado internacional são os *brokers* (*intermediários*) e a indústria de alimentos que realiza a torra e a salga para venda no mercado de *snacks* e também utiliza o produto para a produção na panificação e confeitaria (BNB, 2009).

Em 2019, os Estados Unidos receberam 37,0% das exportações nordestinas de castanha de caju (Gráfico 16). Essa concentração representa um risco mercadológico para o setor, pois uma eventual crise econômica ou embargo ao produto brasileiro pode provocar elevados prejuízos financeiros para as indústrias, com efeitos negativos para todos os elos da cadeia.

Gráfico 16 – Principais destinos das exportações nordestinas de castanha de caju e amêndoa - percentual do valor exportado, em 2019



Fonte: AGROSTAT (2020).

6.2 IMPORTAÇÕES

O Nordeste além de responder por quase toda a produção e exportação de castanha de caju, recebe também quase todo o volume do produto importado. Entenda-se que nos anos em que a oferta de castanha no Nordeste não é suficiente para atender a demanda das indústrias processadoras, há um incremento no volume das importações de castanha (com casca) que é beneficiada e exportada como amêndoa. Assim, a redução da oferta de castanha de caju no Nordeste, nos últimos anos, obrigou as indústrias processadoras a importarem maiores volumes de castanha, implicando em elevação dos custos de produção e fragilização financeira de muitas dessas indústrias.

As importações nordestinas aumentam ou diminuem, em função da quantidade de castanha *in natura* ofertada internamente e da necessidade de processamento das indústrias. Em 2017, as importações do produto aumentaram 116,7% em relação ao ano anterior. Como 2018 e 2019 foram anos de melhor produção no Nordeste, as indústrias importaram menos nesse período. Isso demonstra que os agroindustriais ainda têm preferência pela castanha nacional e que as importações têm sido fundamentais nesse momento, para que as indústrias se mantenham funcionando. Para que as exportações de amêndoa atinjam os níveis de 2010, o setor ainda vai depender das importações de Países da África por quatro ou cinco anos, caso as boas perspectivas permaneçam. O Ceará concentra as importações nordestinas de castanha, já que possui a maior capacidade de processamento. No Rio Grande do Norte, onde grande parte da produção é processada em minifábricas, o volume importado de castanha entre 2012 e 2018 foi relativamente menor. Aparecem registros de pequenas importações do Piauí, a partir de 2015, e da Paraíba, somente em 2019 (Tabela 7).

As grandes empresas relacionam-se mais com o mercado externo e as pequenas e microempresas, com o mercado interno.

Tabela 7 – Evolução do volume e do valor das importações brasileiras e nordestinas de castanha de caju e amêndoa

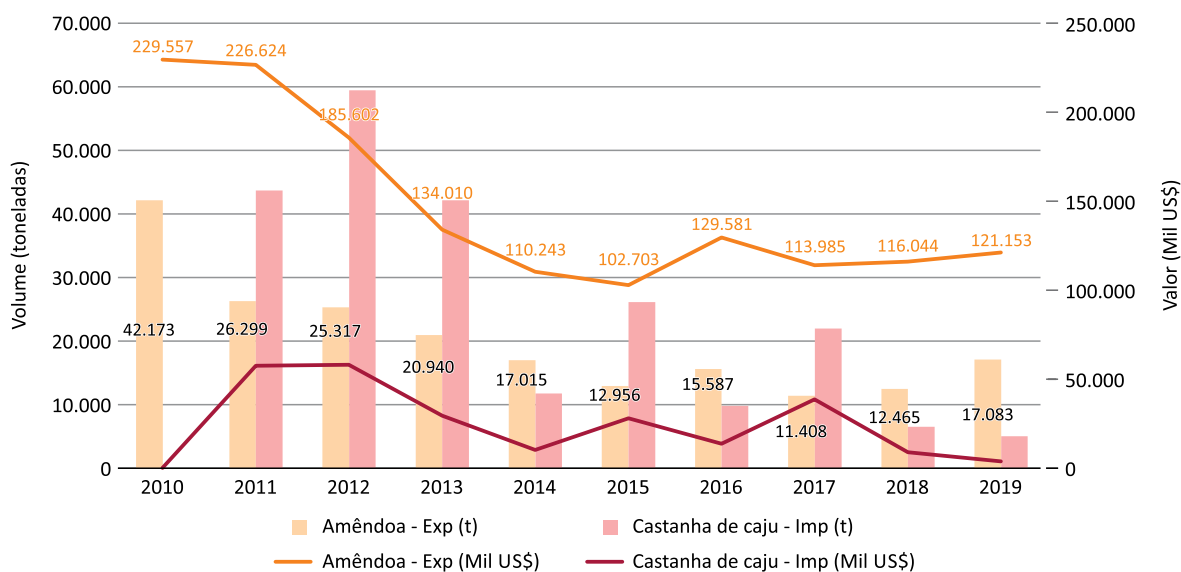
ANOS	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*
Valor (Mil US\$)										
Brasil	57.396	58.072	29.478	10.544	30.314	16.295	42.272	12.305	4.657	346
Nordeste	57.393	58.072	29.466	10.503	28.542	15.684	39.030	12.074	4.656	346
Ceará	57.393	56.247	26.396	9.163	17.739	10.019	28.371	9.116	3.751	0
Rio Grande do Norte	0	1.825	3.070	1.340	10.298	4.373	10.659	1.191	0	0
Piauí	0	0	0	0	504	1.292	0	1.768	851	346
Paraíba	0	0	0	0	0	0	0	0	54	0
Quantidade (toneladas)										
Brasil	43.699	59.460	42.193	11.831	26.455	10.243	22.447	7.032	5.243	95
Nordeste	43.698	59.460	42.192	11.805	26.239	10.180	22.060	6.999	5.243	95
Ceará	43.698	56.441	37.976	10.273	17.771	7.297	16.199	6.593	5.066	0
Rio Grande do Norte	0	3.019	4.216	1.532	8.373	2.646	5.861	200	0	0
Piauí	0	0	0	0	95	237	0	206	126	95
Paraíba	0	0	0	0	0	0	0	0	52	0

Fonte: AGROSTAT (2020).
Nota: (*) Atualizado até março de 2020.

As indústrias importam a castanha de caju com casca (*in natura*) por um preço, em média, sete vezes menor que o preço recebido pela exportação da amêndoa, depois de beneficiada. As exportações de castanha de caju e as im-

portações de amêndoa são pouco significativas. Em 2019, as primeiras representaram 0,01% das exportações e a segunda, 3,7% das importações nordestinas.

Gráfico 17 – NORDESTE - Comparativo entre as importações de castanha de caju e as exportações de amêndoa

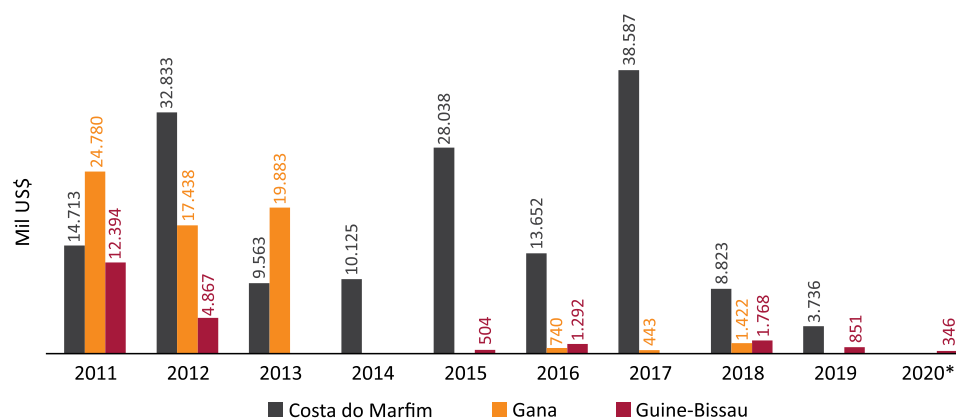


Fonte: AGROSTAT (2020).

Quase toda a castanha importada pela Região Nordeste nos últimos anos tem como origem a Costa do Marfim, que é o terceiro maior produtor e o maior exportador mundial de castanha de caju (**Gráfico 18**). De acordo com dados da **FAO (2020)** esse País apresentou um expressivo crescimento (108,5%) da produção entre 2008 e 2018,

passando a responder por 11,6% da produção e 33,9% das exportações mundiais de castanha de caju. Gana e Guiné-Bissau são, respectivamente, terceiro e quinto maiores exportadores mundiais de castanha de caju, mas, pouco a pouco, estão saindo do mercado nacional que passou a ser dominado por Costa do Marfim (**Tabela 5; Gráfico 18**).

Gráfico 18 – Principais origens das importações nordestinas de castanha de caju e amêndoa (Em Mil US\$)



Fonte: AGROSTAT (2020).

7 PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus tem desencadeado mudanças inesperadas, gerando grande instabilidade mundial. Com o início da pandemia na China e queda do consumo de amêndoa (ACC), os preços mundiais de castanha de caju *in natura* caíram. Mesmo que a China represente uma pequena parcela do consumo mundial, a estabilidade do preço da amêndoa naquele País contribuiu para manter os preços nos demais mercados.

Em Países produtores de castanha de caju, algumas indústrias estão funcionando com 50% de sua capacidade de processamento ou estão paralisando suas atividades com vistas à segurança dos trabalhadores. Isso tem gerado aumento dos estoques da castanha *in natura*, contribuindo mais ainda para a queda de seus preços. Com a menor quantidade de castanha processada, as perspectivas são de grande escassez da amêndoa de castanha de caju no mercado mundial e consequente elevação de seu preço.

Os Países importadores que poderiam se beneficiar com o menor preço da castanha *in natura* para suas indústrias de processamento, deparam-se com outras dificuldades, dessa vez relacionadas à logística de transporte e à escassez de mão de obra em quarentena. Nesse momento, os Países que podem absorver a produção interna, sofrerão menores impactos.

Com a perda de posição do Brasil no agronegócio do caju, tanto em função das quebras de safras sofridas nos últimos anos, como também pela forte concorrência mundial, principalmente do Vietnã, está sendo difícil competir com esse País em função do menor preço que pode oferecer, por conseguir manter seus custos baixos a partir do processamento mecanizado. Para o Brasil, essas crises poderão ser um ponto de partida não apenas para o estímulo do consumo interno da amêndoa, mas principalmente, para a valorização e promoção de outros derivados do caju no mercado interno.

A cajucultura oferece diversos produtos que podem ser explorados comercialmente, dentre os quais:

1. Amêndoa da castanha de caju (ACC), principal produto obtido a partir da retirada da casca da castanha, que pode ser consumido na forma natural, usado como ingredientes de bolos e sorvetes, ou processado para produção de pastas, leites, queijos e iogurtes;
2. Pedúnculo, que pode ser comercializado *in natura*, como fruto de mesa, ou processado para produção de polpas e sucos, cajuínas, doces (doce em massa, caju cristalizado, doce em calda, rapadura, compotas, caju passa), farinhas, tortas, pães, biscoitos, bolos, carnes para hamburguers, almôndegas, moquecas, quibes, omeletes, recheios de pizzas, ração animal, entre outros produtos;
3. Líquido da castanha de caju (LCC), resultado do processamento da castanha, é usado como base para revestimentos, isolantes elétricos, plastificantes para borracha, reveladores fotográficos, tintas, vernizes, esmaltes, abrasivos e antioxidantes; e
4. Madeira oriunda da poda.

Como se vê, existem muitos produtos inovadores capazes de conquistar todos os tipos de consumidores: farinhas, tortas, pães, biscoitos e bolos feitos do pedúnculo, ideais para serem consumidos por intolerantes ao glúten ou celíacos; iogurtes para crianças; queijo e leite da castanha para intolerantes à lactose; carnes de hamburguers, almôndegas, moquecas, quibes e omeletes para vegetarianos e veganos. Como os plantios são conduzidos sem o uso de agrotóxicos, os produtores podem reivindicar os selos de produção orgânica, atribuindo mais valor ao seu produto. Os alimentos derivados do caju, por serem minimamente processados e comercializados sem o uso de conservantes, são considerados alimentos naturais e saudáveis, podendo ser amplamente consumidos por todos os tipos de consumidores, inclusive em programas governamentais de merenda escolar.

Muitos pesquisadores concordam que o aproveitamento do pedúnculo poderia ser mais rentável para o pro-

dutor rural do que a castanha, porém, fatores, como elevada perecibilidade, poucas fábricas para processamento do pedúnculo e poucos canais de comercialização na Região, resultam no desperdício de 90,0% do caju.

Então, algumas ações são necessárias para que isso venha a se concretizar. Para o pequeno produtor, poder-se-ia iniciar com o apoio creditício que venha a quebrar seu ciclo de descapitalização. Em curto e médio prazo, a implantação de indústrias de suco, doces, cajuínas em polos de produção, cooperaria com o maior aproveitamento do pedúnculo e aumento da renda do produtor. Em médio ou longo prazo, o investimento em pesquisa para diminuir a perecibilidade do pedúnculo, seria uma alternativa para a venda do caju de mesa, além do melhor aproveitamento para indústrias de suco, doces, cajuínas e outros.

REFERÊNCIAS

AGROSTAT Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Indicadores Gerais Agrostat**. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. BNB. **Estudo da cadeia produtiva do caju e validação de metodologia para acompanhamento dos sistemas agroindustriais**/Banco do Nordeste do Brasil. Fortaleza: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 2009. 152p.

CÂMARA DOS DEPUTADOS - Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação. Reunião: 0915/17. **Debate sobre as questões relativas à produção brasileira do caju**. 11/7/2017. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0915/17&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:00&sgFaseSessao=&Data=11/7/2017&txApelido=AGRICULTURA,%20PECU%C3%81RIA,%20ABASTECIMENTO%20DES.%20RURAL&txFaseSessao=Audi%C3%Aancia%20P%C3%BAblica%20Ordin%C3%A1ria&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=10:00&txEtapa>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Análise mensal: castanha de caju. Fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-castanha-de-caju/item/download/30986_aad115decc25b7189e75daa0c472a7df. Acesso em: 14 de abril de 2020a.

_____. **Preços agrícolas da sociobio e da pesca**. Disponível em: <http://sisdep.conab.gov.br/preciosiagroweb/>. Acesso em: 20 abr.2020.

FAOSTAT - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Production**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data>. Acesso em: 10 fev. 2020.

INGLÊS NO SUPERMERCADO. **Uso de “cashew” em inglês que você memoriza de caju em caju**. Disponível em: <https://www.inglesnosupermercado.com.br/uso-de-cashew-em-ingles-que-voce-memoriza-de-caju-em-caju/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Levantamento sistemático da Produção Agrícola**. IBGE/LSPA. Fortaleza: IBGE/GCEA-CE. Dezembro. Série 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019. Documento impresso.

_____. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Tabela 6588 - Série histórica da estimativa anual da área plantada, área colhida, produção e rendimento médio dos produtos das lavouras. Março/2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9201-levantamento-sistematico-da-producao-agricola.html?=&t=resultados>. Acesso em 17.abr.2020a.

_____. **Pesquisa Agrícola Municipal**. IBGE/PAM Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>. Acesso em: 12 fev. 2020.

KHA, LE QUY. **A importância e os principais fatores para o sucesso do setor do caju no Vietnã**. Instituto de Ciências Agrícolas do Sul do Vietnã. Apresentação. 201[?].

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/aceso-online-as-bases-de-dados>. Acesso em: 26 fev. 2020.

MORDOR INTELLIGENCE. REPORT GLOBAL CASHEW KERNEL AND CASHEW BY-PRODUCTS MARKET (2019-2024). Ano base: 2018. Índia. Disponível em: <https://www.mordorintelligence.com/industry-reports>.

TANIGUCHI, C. A. K.; CRISÓSTOMO, L. A. Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Sistema de Produção do Caju: Clima e solo para o cajueiro**. Sobral (CE). Disponível em: Disponível em: <https://www.spo.cnptia.embrapa.br/conteudo/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

VINACAS - Associação do Caju no Vietnã. Covid-19 extinguiu US \$ 1 bilhão em exportações de caju. Disponível em: <http://www.vinacas.com.vn/covid-19-8221-thoi-bay-8221-1-ty-usd-xuat-khau-cua-nganh-dieu-bv1493.htm>. Acesso em: 24 abr. 2020.

VINACAS - Associação do Caju no Vietnã. Previsão inesperada da indústria vietnamita do caju em uma conferência surpresa na Índia. Disponível em: <http://www.vinacas.com.vn/du-doan-bat-ngo-ve-nganh-dieu-viet-tai-hoi-thao-dot-xuat-o-an-do-bv1486.htm>. Acesso em: 24 abr. 2020a.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- A Indústria Têxtil no Nordeste, Norte de Minas e Norte do Espírito Santo - Contextualização e perspectivas - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento - 06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Shopping Centers - 02/2020
- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Indústria de alimentos	Maio
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Maio
Indústria de bebidas alcoólicas	Maio
Cococultura	Maio
PET	Junho
Sucroenergético	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Indústria de bebidas não alcoólicas	Julho
Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinocultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Hotelaria	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Telecomunicações	Julho
Micro e pequenas empresas	Março
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Vestuário	Maio
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro